

# AS CONCEPÇÕES DE LINGUA(GEM) E SUA CONTRIBUIÇÃO NO ESTUDO DAS FRASEOLOGIAS DA LÍNGUA AFRICANA TEWE

## THE LANGUAGE CONCEPTIONS AND ITS CONTRIBUTION IN THE STUDY OF TEWE AFRICAN LANGUAGE PHRASEOLOGY

## LOS CONCEPTOS DEL LENGUA(JE) Y SU CONTRIBUCIÓN EN EL ESTUDIO DEL FRASEOLOGÍAS DE LA LENGUA AFRICANA TEWE

*Zacarias Alberto Sozinho QUIRAQUE<sup>1</sup>*

**Resumo:** O presente artigo objetiva apresentar breves considerações sobre as concepções de linguagem desde a Antiguidade até a linguística moderna (SAUSSURE, 1916), e mostrar a importância das suas contribuições para os estudos das fraseologias, em particular dos provérbios da língua africana tewe. Ademais, será nosso propósito demonstrar o quanto estes estudos contribuíram substancialmente para os estudos das fraseologias, por estas constituírem um repositório e riqueza da cultura de um povo. Através do método de revisão bibliográfica e introspectivo, concluímos que apesar de os estudos de linguagem na Antiguidade permaneceram como objeto de especulação e não de observação, isto é, não houve preocupação em estudar e descrever a linguagem por ela mesma, nem em verificar se as categorias fundadas em gramática grega ou latina tinham validade geral (BENVENISTE, 1995), já era notório o interesse, por alguns linguistas, no estudo das unidades fraseológicas, que trazem consigo o conhecimento, mito, as crenças, costumes, comparações e similitudes etc. de cada comunidade linguística.

**Palavras chaves:** Concepções de Linguagem. Fraseologias. África. Tewe.

**Abstract:** This paper aims to present brief comments about the language concepts from Antiquity to the modern linguistics (SAUSSURE, 1916), and show their contributions to the study of phraseology, particularly on proverbs of Tewe African

---

<sup>1</sup> Moçambicano de Chimoio/Manica; assistente universitário da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique (UEM-Mz). Atualmente, é mestrando do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, sob a orientação da Professora Maria Helena de Paula. É bolsista do Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG), pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq. Contato: quiraque@gmail.com.

language. Moreover, it will be our purpose to demonstrate how these studies have contributed substantially to the study of phraseology, as repository and wealth of culture of different people. Through of literature and introspective review methods, we conclude that despite the language studies in antiquity remained as an object of speculation and not watching, which means no one bothered to study and describe the language for herself, nor to check the categories based on Greek or Latin grammar had general validity (BENVENISTE, 1995), it was evident the interest of the study of phraseological by some linguists, units that have in their behind, knowledge, myth, beliefs, customs, comparisons and similarities, etc in each linguistic community.

**Keywords:** Language Conceptions. Phraseology. Africa. Tewe.

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo presentar breves comentarios sobre los conceptos del lenguaje desde la antigüedad hasta la lingüística moderna (Saussure, 1916), y mostrar la importancia de sus contribuciones al estudio de la fraseología, sobre todo los proverbios del lengua africana tewe. Por otra parte, será nuestro propósito de demostrar cómo estos estudios han contribuido en gran medida al estudio de la fraseología, pues constituyen un repositorio de la riqueza y la cultura de un pueblo. A través del método de la revisión de literatura y lo método introspectivo, llegamos a la conclusión de que a pesar del estudios del lenguaje en la Antigüedad se mantuvo como un objeto de especulación y no del observación, es decir, nadie se molestó en estudiar y describir a lenguaje por sí misma, ni para comprobar las categorías basadas en la gramática griega o latina tenía validez general (BENVENISTE, 1995), era evidente el interés por algunos lingüistas, el estudio de las unidades fraseológicas que tienen per detrás, conocimientos, mitos, creencias, costumbres, comparaciones y similitudes etc. del cada uno comunidad lingüística.

**Palabras claves:** Concepciones de la Lenguaje. Fraseología. África. Tewe.

## **Considerações Iniciais**

Ao se instituir como ciência no século XX, a Linguística moderna e o seu objeto de estudo, a linguagem, abriram caminho para uma proliferação de vários ramos ou subáreas, como Linguística Gerativa, Linguística Funcional, Lexicografia, entre outras, que visam a estudar questões ligadas não só à linguagem, mas também às diferentes línguas. Foi da proliferação destas ciências que surgiu a Fraseologia, ciência e/ou disciplina que estuda as diferentes unidades fraseológicas.

O presente artigo visa a analisar o percurso dos estudos de linguagem desde a Antiguidade até ao século XX, momento em que a

Linguística se torna uma ciência e sua contribuição nos estudos das fraseologias, como é o caso de provérbios da língua tewe. Esta é uma língua africana bantu - falada na cidade e arredores de Chimoio, província de Manica, em Moçambique, com o código S.13b, na classificação de Guthrie (1967-71).

Para materializar os objetivos deste artigo, baseamo-nos no método de revisão e análise de obras bibliográficas sobre o estudo de linguagem e das fraseologias. Também usamos o método de recolha, transcrição, tradução e análise de provérbios que farão parte do trabalho, assim como usamos o método introspectivo, onde apelamos ao nosso conhecimento sobre a língua tewe, como falante nativo.

A descoberta da chamada teoria da evolução e sua aplicação em várias ciências influenciou bastante no pensamento sobre questões sociais. No campo das ciências humanas e sociais, sobretudo no domínio do estudo da linguagem, pode-se afirmar que foi no séc. XIX que apareceu uma ciência que se dedica ao estudo da linguagem ou simplesmente “estudo científico da língua”. Todavia, a afirmação da linguística moderna como disciplina académica viria a verificar-se nos princípios do séc. XX com a publicação póstuma da obra *Course de Linguistique Générale* de Ferdinand de Saussure, que teve a sua primeira publicação em 1916, e reeditada em 1922 e 1931.

Contudo, com isso, não queremos assumir que, antes deste período, não existia interesse ou áreas que estudassem a linguagem; pelo contrário, numerosos pesquisadores por eles se haviam interessado, mas, as mais das vezes destas ou daquelas perspectivas particulares, não levavam a nenhuma visão de conjunto (LEROY, 1967).

Segundo Petter (2002), o interesse pela linguagem é muito antigo e remonta ao séc. IV, a.C com os primeiros estudos dos hindus. Inicialmente, foram razões religiosas que levaram os hindus a estudar sua língua, para que os textos sagrados reunidos no Vedas não sofressem modificações no momento de serem proferidos. Depois, seguiram os gramáticos hindus (LEROY, 1967), dos quais o mais célebre, Panini (séc. IV a. C), se dedicou ao estudo do valor e do emprego das palavras e fizeram da sua experiência, com precisão e minúcias admiráveis descrições fonéticas e gramaticais que são

modelares no gênero e constituíram o ponto de vista indispensável para a criação da gramática comparada.

Na Grécia Antiga, a linguagem era definida como a faculdade humana, característica universal, inata e imutável que se distinguia de línguas por serem essas sempre particulares (BENVENISTE, 1995). A preocupação do estudo da linguagem nesta época era de saber se era criada pela natureza ou por via de uma convenção. Os gregos (PETTER, 2002) preocuparam-se em definir as relações entre o conceito e as palavras que o designam, ou seja, haverá ou não uma relação entre o significante (as palavras) e o significado (sua significação), que mais tarde fomentou o conceito de arbitrariedade do signo, também objeto de estudo de Saussure (1916) na disciplina de Semiologia.

Os gregos preocuparam-se em estudar as suas línguas em dois planos: plano estético (estudando os procedimentos de estilo) e plano filosófico (adequação da linguagem ao pensamento) (LYONS, 1981). No plano filosófico, o problema essencial que se colocava para os filósofos preocupados com a elaboração de uma teoria do conhecimento consistia em definir as relações entre a noção e a palavra que a designa, e a grande questão debatida entre estes e os sofistas era saber se a linguagem fora criada pela natureza ou por via de uma convenção. Platão discute melhor esta questão no *Crátilo* (2002).

No diálogo *Crátilo*, as discussões centraram-se efetivamente em distinguir a natureza da relação entre o significado e a forma da palavra, que era a de dar nome às palavras, pois, inicialmente essas eram imitativas das coisas que elas nomeavam, como por exemplo, as palavras onomatopaicas.

Os latinos não tinham consciência da importância das suas línguas, daí que eram considerados discípulos dos gregos porque eles seguiam quase todos ideais dos gregos. Mesmo a confrontação constante do grego e do latim (em Roma a sociedade culta era em grande parte bilíngue) foi estéril, esforçando-se os latinos em adaptar servilmente o estudo da sua língua às regras formuladas pelos teóricos gregos (LYONS, 1981). A este aspeto, Petter (2002) acrescenta que, dentre os latinos, Varrão foi um dos mais destacados ao dedicar-se a gramática, esforçando-se a defini-la como ciência e como arte. Portanto, durante todo tempo da Antiguidade o estudo da língua

permaneceu como objeto de especulação e não de observação, ou seja, não se estudava a língua como ela é, nem verificava se as categorias fundadas na gramática grega ou latina tinham validade geral (BENVENISTE, 1995).

Na perspectiva de Leroy (1967), na Idade Média, acreditava-se que a tradução da Bíblia em gótico no séc. IV, em armênio no séc. V, e em eslavo no séc. IX iria suscitar o problema das relações entre as línguas. Nada disso, contudo, aconteceu porque os evangelizadores consideravam as línguas dos gentios como instrumentos e propaganda e não como assunto de reflexão e estudo. Os modistas também dominaram a Idade Média. Eles consideraram que a estrutura gramatical das línguas é uma e universal e que, em consequência, as regras das gramáticas são independentes das línguas em que se realizam (PETTER, 2002).

Ainda na Idade Média, Leroy (1967) sublinha que Dante foi um homem do período medieval que se interessou de modo original pelos problemas da linguagem e da relação entre os dialetos. No seu livro *De vulgari eloquentia*, escrito em 1303, Dante considerava, as línguas de *si*, de *oc*, e de *oil* como pertencentes a um mesmo grupo e distinguiu com uma exatidão notável, quatorze (14) formas de dialetos italianos (LEROY, 1967). Mas infelizmente as ideias de Dante não tiveram eco naquela época. Olhando na nossa época atual, estudos há que debruçam sobre questões de língua/dialeto. Em Moçambique, por exemplo, esta questão é controversa desde a implantação, por razões políticas e ideológicas, do português como única língua oficial e a tentativa atual de se valorizar e padronizar mais vinte (20) línguas nativas daquele país.

Desde o Renascimento até o séc. XVIII, a preocupação dada pelos estudos linguísticos começa a crescer. No séc. XVI, a religiosidade ativada pela reforma provoca a tradução dos livros sagrados em numerosas línguas, apesar de manter o latim como língua universal (PETTER, 2002). A autora continua dizendo que isso fez com que o desprezo com as línguas “vulgares” atenuasse e desaparecesse diante do desenvolvimento de ricas e vigorosas literaturas nacionais. Daí que apareceram novas experiências no estrangeiro com conhecimento de línguas até então desconhecidas, com viajantes comerciantes e diplomatas.

Outro aspecto que marcou o período do Renascimento no séc. XVI foi o surgimento de “outro princípio de método que deveria racionalizar o estudo da relação entre os dialetos: o da comunidade de origem que permitia classificar as línguas em famílias (LOREY, 1967, p. 22)”. Estas preocupações dos antigos vão dar continuidade até nos séculos XVI e XVIII tanto que em 1660, apareceu a Gramática Geral do Port Royal, de Lancelot e Arnaud que foi modelo para grandes números de gramáticas do séc. XVII. Esta gramática (PETTER, 2002, p. 12) vinha “demonstrar que a linguagem se funda na razão, e a imagem do pensamento e que, portanto, os princípios de análises estabelecidos não se prendem a uma língua particular, mas serve a toda qualquer língua”

Ao estabelecer uma linguagem que se funda na razão, o classicismo vem negar a Idade Média e, ao mesmo tempo, retoma os seus valores de que a gramática é universal e ela serve para qualquer língua. Somente no séc. XIX (LEROY, 1967) é que esses raciocínios de tipo abstrato começam a desaparecer pouco a pouco diante do alargamento de horizontes provocado pela expansão das línguas cada vez mais numeroso e daí que surge interesse pelas línguas vivas, pelo estudo comparativo dos falares. O estudo comparado das línguas vai evidenciar o fato de que as línguas se transformam com o tempo (PETTER, 2002), independentemente da vontade dos homens, seguindo uma necessidade própria da língua e manifestando-se de forma regular.

E isso fez com que nos últimos decênios do séc. XIX, o método histórico-comparativo dê passos para a descoberta de relações entre o Sânscrito e as línguas europeias (grego, latim, persa, germânico). A descoberta de semelhança entre essas línguas veio evidenciar a existência de uma relação de parentesco entre elas e que elas tinham uma origem comum e que constituíam uma família Indo-Europeia. Vale salientar que o método histórico comparativo usado para comparar línguas indo-europeias, também viria a ser aplicado ao estudo das línguas africanas, exemplo das línguas bantu (faladas na África subsaariana ou austral ou ainda meridional), dentre as quais uma (língua Tewe) é parte do interesse deste artigo.

## 1 A Linguística como ciência: uma nova perspectiva

O desenvolvimento de estudos linguísticos levou/leva muito tempo para distinguir o termo linguagem de língua. Aliás, esta constatação fica mais patente quando olhamos para língua inglesa onde para os dois conceitos só existem um e único termo - *language* - para designar linguagem e língua, embora esteja implícito o reconhecimento de que as línguas naturais são manifestações de algo mais geral, a linguagem<sup>2</sup> (PETTER, 2002). Para complementar essa ideia, Benveniste, (1995, p. 20), diz que

[...] a linguística tem duplo objeto: é ciência da linguagem e ciência da língua. [...] A linguagem como faculdade humana, característica universal e imutável do homem, não é a mesma coisa que as línguas sempre particulares e variáveis, nas quais se realiza.

Desta distinção, acrescenta o autor, veremos que estas vias diferentes que se entrelaçam com frequência finalmente se confundem, pois os problemas infinitamente diversos das línguas têm em comum o fato de que certo grau de generalidade põe sempre em questão a linguagem.

Do estudo comparativo do Sânscrito, que permitiu, cientistas europeus descobrirem semelhanças entre este e as línguas clássicas Indo-europeias surge a gramática comparada, que viria incentivar aquilo que ficou conhecido por “Filologia Indo-Europeia” e depois as filologias “Germânica” e “Românica”. Até este período, a Linguística consistia essencialmente numa genética das línguas. Ela fixava-se para tentar estudar a *evolução* das formas linguísticas, e propunha-se uma ciência histórica, o seu objeto era, em toda parte e sempre, a fase da história das línguas (BENVENISTE, 1995).

Para o estatuto da Linguística como ciência, que distingue claramente o seu objeto, a linguagem, Saussure (1916) é indispensável. Não que antes não se estudava a linguagem, mas, não eram estudos autônomos e submetia-se às exigências de outros estudos, como a lógica, a filosofia, a retórica, a história, a crítica literária, etc.

---

<sup>2</sup> Para a leitura específica sobre a linguagem como contingência do humano, aconselhamos a leitura do texto de Ayub (2014).

Com o estabelecimento da Linguística como ciência com Saussure, no século XX, opera-se uma mudança central daquela maneira de estudar a linguagem. Foram mudanças que se expressam no caráter científico de novos estudos linguísticos (PETTER, 2002), que estariam centrados na observação dos factos da linguagem. A Linguística se distingue por ser, eminentemente, descritiva, com o interesse em saber como as línguas funcionam.

A partir deste período, as línguas passavam a ser encaradas em si mesmas e por elas mesmas, formando um sistema que, por sua vez, valeria para toda e qualquer língua, e qualquer que firmasse um modo de fazer esta ciência. Neste contexto, Altman (2013, p. 21) afirma que

Saussure continua reverenciado pela comunidade acadêmica a Leste e a Oeste (cf. Koerner, 1992-1993), como o grande filólogo comparatista do século XIX, o que efetivamente foi no que escreveu e publicou, e como um grande teórico da linguística geral e da Semiologia do séc. XX, embora neste caso, como se sabe, não tenha sido o autor efetivo do que foi publicado postumamente em seu nome.

Neste último caso, referenciado na citação acima, foi lhe atribuída autoria da obra *Course de Linguistique Générale*, publicada em 1916 com segunda edição em 1922, e terceira em 1931, por dois grandes linguistas: Charles Bally (1865-1947) e Alberto Sechehaye (1870-1946). Para Florin, Flores e Barbisan (2013), o Curso é para a Linguística um discurso fundador, pois é a partir deste que a Linguística começa a ter um objeto de estudo, a língua. Com a nova forma de ver (conceber e estudar) a língua pelo mestre genebrino, patente nesta obra, a Linguística começa a ser percebida como ciência porque tem um novo olhar, tanto que começa neste período a ser considerada uma disciplina científica independente das outras áreas de saber. Desta forma,

A Linguística iniciada a partir do Curso, leva em conta os princípios saussurianos de que a língua “é um sistema que conhece apenas sua própria ordem (CLG: 31)”; é um sistema do qual todos podem e devem ser considerados sem sua solidariedade sincrônica” (CLG;102); “é uma forma e não uma substancia” (CLG:141) e de

que a linguística “tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma” (CLG:217) (FIORIN, FLORES e BARBISAN, 2013, p. 7, grifos dos autores).

Para a teoria estruturalista de Saussure, a língua é um sistema de signos, ou seja, um conjunto de unidades que se relacionam organizadamente dentro de um todo. Para distinguir a língua da fala, Saussure diz que a fala é um ato individual que resulta das combinações feitas pelo sujeito falante utilizando as possibilidades aceitas da língua.

A fala, é segundo Saussure (PETTER, 2002), expressa pelos mecanismos psicofísicos (atos de fonação) necessários à produção dessas combinações. Embora distintas, estas duas partes (língua e fala) que se tornariam objeto de estudo da Linguística, segundo Saussure, são inseparáveis visto serem interdependentes, pois a língua é condição para se produzir a fala, mas não há língua sem exercício da fala. Daí, advém a necessidade de Saussure dividir a nova ciência em duas: a linguística da língua e a da fala, sendo a primeira a que ele focalizou mais, por tratar de um produto social depositado no cérebro da cada um e sistema supra individual que a sociedade impõe ao falante (PETTER, 2002).

A descoberta de diferentes fontes ligada à personalidade de Saussure, desde **arquivos** ou **coleção** (que incluem o Curso de Linguística Geral, cartas endereçadas a Saussure, lembranças, documentos de trabalhos etc.) (cf. NOBREGA e BASÍLIO, 2013) até o **corpus** (que incluem textos escritos por próprio Saussure como livros, artigos, notas, rascunhos, aulas, cartas, etc), (cf. FLORIN, FLORES e BARBISAN, 2013), fazem com que o *Curso* e Saussure sejam considerados de clássicos.

“Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer (Calvino, 1988, p. 11)”. [...] Saussure é mais atual do que nunca. O linguista genebrino é daqueles autores que “quanto mais pensamos conhecer, por ouvir dizer, mais se revelam novos, inesperados e inéditos (Calvino, 1988, p. 12)”. [...] Saussure como todo clássico “serve para compreender quem somos e onde chegamos (Calvino, 1988, p. 16)”. Ele é fundamental para compreender a

linguística moderna (FLORIN, FLORES e BARBISAN, 2013, p. 9, grifos dos autores).

Vale salientar que depois de Saussure, várias teorias apareceram com vista a investigar e aprofundar mais os estudos de língua e linguagem. Umas contra e outras a favor, assim sucessivamente, mas, na sua maioria, não sobra dúvida de que Saussure é o mestre genebrino, fundador da Linguística moderna.

### **3 Importância das concepções de linguagem nos estudos das fraseologias da língua africana tewe**

Os estudos da linguagem na Antiguidade e, muito depois, com Saussure (1916) contribuíram significativamente para posterior divulgação do estudo das fraseologias e dicionários fraseológicos.

Para Xatara (1998, p. 14), “teoricamente, Saussure foi o primeiro a chamar atenção para a existência de *combinações não livres* (SAUSSURE, 1969), mas as particularidades dessas combinações foram desenvolvidas, sobretudo por Bally (1951), ao instituir fraseologias como uma disciplina dentro da lexicologia”. Bem mais que os linguistas ocidentais, sublinha a autora, (dentre eles destacam-se, como pioneiros, os alemães Thun e Hausermann e o norte americano Weinrich), os principais seguidores de Bally, quanto ao aprofundamento dos aspectos teóricos dessa questão, são os russos como Vinogradov (ETTINGER, 1982; TRISTÁ, 1988, *apud* XATARA, 1998). Desta forma, podemos afirmar que o estudo das fraseologias não constitui assunto de hoje, ele já vem sendo objeto de estudo no período antes da própria área de linguística se instituir área científica.

Entendidas como fórmulas coletivas e tradicionais, as fraseologias ou fraseologismos, unidades de estudo da fraseologia (ZAVAGLIA, 2014, p. 6),

[...] espelham a mentalidade de um povo, assim como sua história, seus costumes, crenças e estados afetivos, segundo a perspectiva daqueles que conseguem reconhecê-los e investigar a visão de mundo que refletem. No decorrer dos séculos, essas combinações cristalizaram-se num amplo número de expressões e hoje são

portadoras das vivências de uma ou mais gerações aplicadas ao cotidiano.

Portanto, entendemos na citação acima que é dentro da fraseologia, disciplina macro, que encontramos a Paremiologia, área micro, na qual se estuda os provérbios e outros tipos de expressões como as máximas, os ditados, apotegmas, etc.

Para Jesús Cantera, Julia Muñoz e Manuel Muñoz (2005, *apud* CHACOTO, 2013) a *paremiologia* é uma área que estuda as unidades lexicais que englobam as *parêmias populares* ou *clássicas* (os refrões, os ditos, os adágios, os dialogismos, os wellerismos e as frases proverbiais), e as *parêmias cultas* (as sentenças, as máximas, os apotegmas e os aforismos). Portanto, a paremiologia estuda os provérbios, parêmias populares, que representam um patrimônio cultural incomensurável que proporciona uma imensa riqueza de significados às línguas, fato que os projeta em uma dimensão histórica universal (ZAVAGLIA, 2014). Além disso, acrescenta a autora, os provérbios,

[...] sintetizam o valor de incontáveis experiências humanas que, de certo modo, são levadas a uma reflexão pelas gerações futuras para que possam extrair úteis ensinamentos e apropriadas exortações, isto é, conselhos e avisos, para serem capazes de enfrentar, com maior serenidade e confiança em si mesmos, os pequenos, grandes e múltiplos desafios que a vida quotidiana lhes reserva (ZAVAGLIA, 2014, p. 6).

Na perspectiva de Pamies-Bertran e Iñesta-Mena (2002, citados por MOREIRA e SILVA, 2014), além de representam a afirmação concisa de algo que parece verdadeiro e, continuamente, se adaptam aos valores e costumes de cada época, os provérbios

conduzem o falante nativo de uma língua, em determinados contextos, a atribuir um valor de verdade aos sentidos ali reverberados, pelas características formais desse texto e pelas concepções de mundo representadas em tais metáforas” (MOREIRA e SILVA, 2014, p. 17).

Assim, uma comunidade linguística utiliza-se de traços específicos dos provérbios para lexicalizar suas intenções. Ela usa essas expressões que nem de longe se podem tomar como separadas ou isoladas, mas que pelo contexto e pela aceitação/uso passam a representar uma intenção e uma situação comunicativa. No entanto, os provérbios,

[...] encerram um fundo condensado de experiências refletidas, são amostras de um “saber de experiências feito”, experiências da alma humana, das relações sociais, dos fenômenos da natureza etc. Não há que discutir a legitimidade teórica ou lógica desse saber, um conjunto de verdades gerais adequadas à mentalidade Média dos povos e expresso com a segurança da convicção (AMARAL, 1948, p. 219-220, *apud* SILVA, 2013, p. 19, grifos do autor).

Desta feita, entendemos que os provérbios trazem um conhecimento empírico incontestável na sociedade e nos estudos de linguagem, como fruto da experiência da população, transmitido de geração em geração.

Ora vejamos: no provérbio africano da língua tewe **(1) Simbi inopfurwa ichapisa** (*trad. lit.: O ferro é endireitado enquanto quente*) encontramos um rico ensinamento para falantes desta língua e os demais. Ele ensina-nos que se virmos os nossos filhos a fazerem ou praticarem um mal, é preciso informá-los e educá-los naquele exato momento, para que eles cresçam sabendo diferenciar o certo do errado. Não os deixemos a fazerem coisas erradas repetidamente para informá-los depois que aquilo está errado, porque quando estiverem já crescidos, eles não compreenderão, já serão adultos. Por isso, no provérbio usa-se o exemplo do ferro que deve ser endireitado enquanto quente porque quando estiver mole, e arrefecido não conseguiremos o endireitar mais, já estará duro.

Outro provérbio africano tewe que demonstra a importância dos estudos da lingua(gem) nos estudos das fraseologias é **(2) Unonyoka unowata kumusuwo** que, na tradução literal no português seria, ‘*Quem tem diarreia dorme na porta*’. Na cultura tewe a maioria das casas da zona rural (chamadas de palhotas) são maioritariamente feitas de caniço no formato de um cilindro e quando chega a hora de dormir cada um estende a sua esteira em cada canto da palhota para

dormir. Portanto, aquele que estiver com problemas de estômago ou diarreia, é que deve dormir mais próximo da porta para facilitar a sua saída duramente à noite para fazer necessidades e não incomodar os outros.

Contudo, neste provérbio usa-se este hábito cultural daquela comunidade para dizer, ensinar e motivar as pessoas que quem tem uma preocupação é que vai a procura da solução, e não o contrário. No português falado em Moçambique este provérbio seria interpretado com a seguinte frase: O interessado é que se move. Outro provérbio desta língua africana com ensinamento idêntico seria **Mwana wokusara unowata akatsamira mugoti** (*trad. lit.: Filho deixado (enteado) dorme encostado no mugoti*<sup>3</sup>).

O último exemplo do provérbio africano tewe é **(3) Nvura inokurirwa iciri mumabvi** (*trad. lit.: A água (do rio) evita-se enquanto estiver no joelho*). Nas zonas rurais de Moçambique, é comum as pessoas atravessarem vários rios para outras margens, para ir à moagem, para ir a uma festa religiosa ou tradicional, ou para ir visitar outro familiar. Ademais, quando há chuvas intensas constantes os rios enchem e normalmente a população fica nas suas casas dois mais meses sem ir para outras margens. Ao tentar atravessar o rio a pé, se a água chegar até ao joelho, antes de atravessar, é aconselhado a recuar.

Esta realidade é usada neste provérbio para advertir as pessoas que devemos prevenir qualquer tipo de situação que achamos, ou pensamos de antemão, que pode ser perigo ou pode trazer-nos prejuízos no futuro. Então se a pessoa vir que o caminho que está a seguir está errado ou tem perigos, deve evitá-lo ou abandoná-lo antes que seja tarde demais.

Para dar cabo, nesta seção, e fechar este trabalho sobre a importância das concepções de linguagem e o estudo de fraseologias, cabe dizer que o conteúdo de discurso das fraseologias (provérbios) fez e faz parte das culturas humanas há muito tempo.

Neste sentido, as fraseologias proverbiais constituem

---

<sup>3</sup> Instrumento de pau (curto ou comprido) usado para amassar Xima, comida típica da África feita de farinha de milho.

[...] a expressão do conhecimento e da experiência do povo que se traduzem em poucas palavras, de maneira rimada e ritmada, muitas vezes com alegria e bom humor para revelar mitos, crenças coletivas, concepções, costumes, comparações e similitudes, constituindo, assim, uma parte importante de cada cultura porque incidem sobre as relações humanas na vida social, significando-as e nomeando-as. Para além de terem como objetivo a manifestação da verdadeira sabedoria das culturas, tradições e realidades vividas numa comunidade, [...] [os *provérbios*] expressam, [*através da língua*], [...] críticas, conselhos, ironias contra o egoísmo, avareza, inveja, generosidade, sinceridade, grandeza, factos estes constantes em todas as culturas (NHAOMBE, 2006, citado por QUIRAQUE; PAULA, 2016, p. 148, grifo nosso).

Assim, a verdadeira realidade das fraseologias está no dom de incidir sobre o núcleo permanente temporal da realidade do Homem.

O conhecimento patente nos provérbios da língua africana teve acima, e de outras fraseologias estudadas há séculos (desde a Antiguidade até a era moderna) resume as condutas humanas, sentencia os procedimentos humanos, traça caminhos a serem seguidos pelo homem, por isso, são “a expressão mais fina da filosofia popular”. Eles podem dirimir uma contenda, justificar uma ação, fundamentar um pedido, desculpar uma falta, encerrar um conselho, censurar um procedimento, conter uma regra de educação, um costume da terra, uma lei da tribo (RIBEIRO, 1989), razão pela qual eles merecem especial atenção nos estudos de linguagem, porque acompanham a espécie humana desde o seu princípio como civilização e organização sócio-cultural.

## Considerações finais

Verificamos durante a nossa explanação que não constitui facto que antes da Linguística se constituir como ciência, não existiam interesse ou áreas que estudassem a linguagem; pelo contrário, havia sim interesse pelo estudo da linguagem, embora o estudo da língua permanecesse como objeto de especulação e não de observação, ou seja, não se estudava a língua como ela é, nem em verificar se as categorias fundadas em gramática grega ou latina tinham validade

geral (BENVENISTE, 1995). Saussure e o Curso de Linguística Geral devem ser considerados de clássicos. Clássico não só pela sua importância, mas também por ser um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer, é um livro que inspira muitos linguistas e é usado como base para posteriores estudos de língua e/ou de linguagem.

Por fim, vimos que estes estudos contribuíram ou contribuem significativamente no estudo de fraseologias no caso de provérbios da língua africana tewe, por estes constituírem um repertório das relações humanas na vida social importante no estudo da linguagem. Para além de terem como objetivo a manifestação da verdadeira sabedoria das culturas, tradições e realidades vividas numa comunidade, estas fraseologias expressam também críticas, conselhos, ironias contra o egoísmo, avareza, inveja, generosidade, sinceridade, grandeza, factos constantes em todas as culturas.

## Referências

ALTMAN, Cristina. Sobre Mitos e História: a visão retrospectiva de Saussure nos Três Cursos de Linguística Geral. In: FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges.

**Saussure: A invenção da Linguística.** São Paulo: Editora Contexto, 2013. p. 21-32.

AYUB, João Paulo. A linguagem e a contingência do humano. **Linguagem: estudos e pesquisas.** v. 18, n. 2. Catalão-GO. Letras-UFG. p. 205-219, jul/dez. 2014. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/lep/article/view/39586/21168>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

BENVENISTE, Émile. Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística. **Problemas de Linguística Geral I.** Trad. de Maria da Gloria Novak e Maria Luisa Neri. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1995.

CHACOTO, Lucília. A Produção Fraseoparemiográfica. In: ALVAREZ, Maria Luísa Ortiz (Org.). **Tendências Atuais na**

**Pesquisa Descritiva e Aplicada em Fraseologia e Paremiologia.** vol. I, Campinas, São Paulo. Pontes Editores. p. 157-170. 2013.

FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges. Porque Ainda Ler Saussure. In: FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges (Orgs.). **Saussure: A Invenção da Linguística.** São Paulo: Editora Contexto, 2013. p. 7-20.

GUTHRIE, Malcolm. **Comparative Bantu:** an introduction to the comparative linguistics and prehistory of the Bantu languages. 4 vols. Letchworth UK & Brookfield VT: Gregg International, 1967-71.

LEROY, Maurice. **As grandes correntes da Linguística Moderna.** São Paulo: Editora Cultix Ltda, 1967.

LYONS, John. **Linguagem e Linguística:** uma introdução. Rio de Janeiro: Guanabara/Koogan, 1981.

MOREIRA e SILVA, Maria Erotildes. A figura feminina em provérbios brasileiros. **Domínios de Linguagem:** Fraseologia e Paremiologia, Uberlândia, v. 8, n. 2, p. 13-24, jun./dez. 2014.

Disponível em:

<<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/26898/15763>> Acesso em: 27 abr. 2015.

QUIRAQUE, Zacarias Alberto Sozinho; PAULA, Maria Helena de. Como a diversidade da língua portuguesa pode contribuir para um ensino multicultural. In: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - Regional Goiás. (Org.). **II Prêmio SBPC/GO de Popularização da Ciência 2015:** Coletânea de artigos premiados. 2. ed. Goiânia-GO: Gráfica UFG, 2016, v. 2, p. 145-149.

PETTER, Margarida. Linguagem, Língua, Linguística. In: FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à Linguística I.** Objetos Teóricos. São Paulo: Editora Contexto, 2002. p. 11-24.

RIBEIRO, Padre Armando C. M. **601 Changanas**. 2. ed. Lisboa: Silvas - C.T.G, 1989.

SILVA, José Pereira da. A Motivação nos Provérbios. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, ano 19, n. 57. p. 18-26, 2013. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/revista/57/002.pdf>>. Acesso em: 5 jun. 2015.

XATARA, Cláudia Maria. **A tradução para o português de expressões idiomáticas em francês**. Araraquara. 1998. 253fls. Tese (Doutorado em Letras: Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1998.

ZAVAGLIA, Cláudia. Apresentação: um pouco dos estudos fraseológicos e paremiológicos no cenário brasileiro. **Domínios de Lingu@gem: Fraseologia e Paremiologia**, Uberlândia, v. 8, n. 2, p. 6-12, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/28550/15775>>. Acesso em: 27 abr. 2015.

*Recebido em: 18 de agosto de 2016*

*Aceito em: 26 de outubro de 2016*